

Histórico: Carmo do Cajuru foi fundada pelo Cap. Manoel Gomes Pinheiro, vindo de Nossa Senhora do Desterro, por volta de 1815, quando pediu licença ao Imperador D. Pedro I para erguer a capela de Nossa Senhora do Carmo, cuja provisão data de 16/08/1823. O nome Cajuru, nome da Fazenda de Manoel Gomes, consta em documentos datados de 1785 e dava nome também ao morro do Cajuru, atual morro da Cruz, localizado à margem direita do Ribeirão do Empanturrado.

Manoel Gomes faleceu em 1825 e as obras da capela tiveram continuidade por sua família, sendo liberada para as celebrações dos sacramentos, com os primeiros registros datados de 1830. Depois da construção da capela, o nome “Cajuru”, passou a ser aplicado a antiga Fazenda dos Teixeiras, situada a margem esquerda do Ribeirão do Empanturrado e o lugarejo passou a ser chamado de Carmo do Cajuru.

Em 1834 a Câmara Municipal de Pitangui criou o distrito de Cajuru, quando o local passou a ter cartório e juiz de paz. A Guarda Nacional foi criada pela mesma câmara em sessão do dia 28/05/1836, tendo como capitão Francisco João de Meneses.

Criação da Paróquia Nossa Senhora do Carmo: A Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, criada em 1840 com a transferência do Pe. Felício Flávio dos Santos de Divinópolis (ainda sob o nome de Espírito Santo do Itapecerica), foi fato marcante na história de Carmo do Cajuru. Antes de ser criada a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, o curato fazia parte da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Pitangui, diocese de Mariana. Em 1841 foi criada a Paróquia de Santana do São João Acima (Itaúna) e o curato de Carmo do Cajuru passou a integrá-la, até o dia 06/08/1864, quando foi restituída a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, e quando foi transferido para a paróquia, o Pe. Francisco Calixto da Fonseca, vindo de São Gonçalo do Pará.

Em 1854, foi inaugurado o cemitério do Bonfim, obra importante para a cidade, construída de alvenaria de pedra seca, por três padres missionários de origem italiana. Nessa época, já se encontrava por aqui o Pe. José Fernandes Taveira, conhecido como “padre mestre” e muito estimado pela população local, falecido em 1859 e sepultado no interior da velha matriz, que ficava localizada onde é hoje o Espaço Cultural, na praça Vigário José Alexandre.

A velha capela de Nossa Senhora do Carmo, foi utilizada como matriz da cidade até a construção da nova, inaugurada em 15/09/1912 e que teve como benfeitor o Pe. José Alexandre Mendonça, pároco de Carmo do Cajuru por 47 anos, guia espiritual dos cajuruenses, e a quem a cidade deve também a passagem dos trilhos da Rede Mineira de Viação pelo seu território, uma usina hidrelétrica e o serviço de abastecimento de água local.

Criação da Subdelegacia de Polícia: Em 1842 foi criada a Subdelegacia de Carmo do Cajuru, com a posse do primeiro subdelegado, José Antônio de Oliveira. A primeira cadeia foi construída no ano de 1893 na atual praça do Rosário e continuou de pé até 1940.

Primeira Escola Pública: A primeira escola pública de Carmo do Cajuru, escola apenas para meninos, foi criada em 1857 e funcionava em prédios alugados e/ou emprestados.

Após 25 anos foi criada a escola do sexo feminino, e em 1928 foi construída a Escola Princesa Isabel, com sede própria e com o farmacêutico José Maria Álvares da Silva Campos como primeiro diretor. O ginásio, atual Ensino Fundamental, foi criado em 30/11/1965 e o Ensino Médio, na escola que agora se chamava Pe. João Parreiras Vilaça, foi criado em 06/02/1984.

Atividades Econômicas: A economia do município começou com as antigas fábricas de manteiga, em meados de 1915, como pioneirismo de Antônio Fernandes Altivo. Contudo, foi a agropecuária, inicialmente, a principal fonte de crescimento da economia cajuruense. Além da produção de arroz, feijão, milho, mandioca, mamona e cana-de-açúcar, Carmo do Cajuru teve duas cooperativas agropecuárias, a primeira inaugurada em 1951 e a segunda em 1957, que se fundiram em 1974 e chegaram a mandar 15.000 litros diários de leite para Belo Horizonte.

Ainda em 1922 chegaram as primeiras máquinas de beneficiar arroz e milho, e em 1925 uma fábrica de macarrão de propriedade de Guilherme Nunes de Avelar, que produzia 300 Kg de macarrão por dia. Mais tarde, em 1941, foi instalada a fábrica de macarrão e farinha de beijú do italiano Antônio Delareti.

Em 1959, após a emancipação do município, foi fundada a Siderurgia Cajuruense. Em 1960 João Vilela da Fonseca fundou uma fundição de ferro, e mais tarde, em 1977 vieram a fundição de alumínio Minas Oeste e outras fundições, após a criação do Centro Industrial por João da Mata Nogueira.

Mas a indústria que realmente impulsionou a economia do município, foi a indústria de móveis, que começou com a Marcenaria São José, de Aristóteles Joaquim de Oliveira (Tote) em 1945. Logo após, em seu lugar, foi fundada a Mobiliadora Líder, hoje Grupo Líder, que exporta seus produtos para todo o Brasil.

A cidade conta hoje com mais de 100 fábricas de móveis e por isso ficou conhecida como **“A Cidade dos Móveis”**.

Folclore: Outro ponto forte de nossa cultura regional, são os personagens folclóricos que habitam nossas lembranças e dentre eles figura o nome de Maria Taveira, conhecida como a “Santa do Cajuru”. Maria Taveira, uma mulher paralítica, simples e muito virtuosa, levou a Carmo do Cajuru de 1909 a 1921, doentes de todo território nacional atraídos pela fama de seus milagres.

Fontes:

DIOMAR, Oswaldo – História de Carmo do Cajuru, 2ª edição, 2000.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Volume XXIV ano 1958

IBGE